

AUTOBIOGRAFIA E PSICOLOGIA II: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL.

Justificativa: A autobiografia tem sido apontada como um caminho metodológico para uma exploração mais plena da narrativa e de sua promessa de compreender a condição humana e da própria ciência. No que pese um crescente interesse que vem despertando, requer ainda um esforço sistemático de modo a melhor delinear as implicações teóricas e metodológicas relacionadas ao trabalho nessa perspectiva. Nesta direção, para o Prof. Miguel Mafhoud, a contribuição da psicologia ao campo interdisciplinar de análises de autobiografias pode se dar no delineamento da autoconsciência em suas relações de mútua constituição entre sujeito e mundo-da-vida. Tal contribuição permite a sua análise como expressão e elaboração de vivências através da linguagem. Pode-se assim evitar limitar tal análise ao estilo literário ou à simples sobreposição sujeito- linguagem. Tomando contribuições de Luigi Giussani sobre autoconsciência, ressalta o movimento de voltar-se para a própria origem como condição de possibilidade de elaboração da consciência de si, em que sujeito e mundo aparecem indissociados, mas não diluídos um no outro. O Prof. José Eduardo Ferreira Santos volta-se para as marcas da violência no corpo e na memória; marcas, a partir de narrativas autobiográficas de jovens sobre o sofrido cotidiano da periferia de Salvador. Sua análise valoriza a própria voz dos jovens, evidenciando sua impotência diante de situações-limite, mas também seu movimento de resistência, sobrevivência, e criação de alternativas, através da trama complexa de fatores associados à violência, tais como racismo, abuso de poder, presença do tráfico de drogas. Através de tudo isso, o autor focaliza de que forma os jovens constroem o sentido de si mesmo, ao delinear o que pode ser nomeado como o desenvolvimento de trajetórias de marginalidade. Analisando o fenômeno do nascimento de outro ângulo, o da maternidade, mas enfatizando que a poética é uma dimensão humana que conduz a transitividade da vida, a Profa. Ana Cecília Bastos aponta que, no plano ontogenético, algo análogo ocorre e é evidente quando se trabalha com narrativas autobiográficas, especialmente quando nestas se destaca o que tem sido chamado de “unidade narrativa de uma vida” (MacIntyre), ou inteireza da experiência (Abbey & Sorgan). São analisadas narrativas autobiográficas, extraídas de quatro diferentes estudos de casos, abordando assim a experiência de mães através de transições familiares, em diversos estágios do curso de vida: (A) famílias na fase inicial (tornando-se mãe, gravidez e pós-parto), (B) famílias com crianças em idade escolar, (C) famílias com filhos tornando-se adultos e (D) famílias no estágio tardio do curso de vida. Dentre os signos que regulam o sentir-agir-pensar no âmbito da experiência materna, o signo “Eu-mãe cuidadora” é analisado, assumindo-se o seu papel central nesse processo. Deste modo, narrativas autobiográficas mostram-se um rico material para discutir mecanismos psicológicos que permitem à pessoa construir continuidade através do curso de vida, permitindo o delineamento de algum horizonte de totalidade de sua vida individual, dentro do qual uma autobiografia pode, então, ser concebida.

DES - Psicologia do Desenvolvimento

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS MATERNAS, POÉTICA E INTEIREZA DA EXPERIÊNCIA: SELF-SCAFFOLDING ATRAVÉS DE TRANSIÇÕES DESENVOLVIMENTAIS. *Ana Cecília de Sousa Bastos* (Universidade Católica do Salvador e Universidade Federal da Bahia)

A poética é uma dimensão humana que conduz a transitividade da vida. No instante consagrado, isto é, aquele que transcende por meio de um compartilhar, cada pessoa se identifica com a longa corrente da história da humanidade, passada e futura. No plano ontogenético, algo análogo ocorre e é evidente quando se trabalha com narrativas autobiográficas, especialmente quando nestas se destaca o que tem sido chamado de “unidade narrativa de uma vida” (MacIntyre), ou inteireza da experiência (experiential wholeness, Abbey & Surgan). Narrativas autobiográficas maternais mostram-se um rico material para discutir mecanismos psicológicos que permitem à pessoa construir continuidade através de transições desenvolvimentais. Signos, significados e práticas em torno do fenômeno da maternidade se modificam ao longo do curso de vida, colocando-se “maternidade” como um signo hiper-generalizado, regulando um amplo conjunto de direções sociais que vão introduzir estabilidade no âmbito da experiência da pessoa em desenvolvimento. São analisadas narrativas autobiográficas, extraídas de quatro diferentes estudos de casos, abordando assim a experiência de mães através de transições familiares, em diversos estágios do curso de vida: (A) famílias na fase inicial (tornando-se mãe, gravidez e pós-parto), (B) famílias com crianças em idade escolar, (C) famílias com filhos tornando-se adultos e (D) famílias no estágio tardio do curso de vida. Nos estágios A, B e D, casos individuais são o foco da análise, enquanto que, no estágio C, faz-se uma leitura transversal de quatro casos. Através das narrativas, maternidade se mostra como signo hipergeneralizado, conectando significados convergentes e divergentes relacionados à maternidade em mudança, em interação com os demais aspectos da vida de mulheres. Dentre os signos que regulam o sentir-agir-pensar no âmbito da experiência materna, o signo “Eu-mãe cuidadora” é analisado, assumindo-se o seu papel central nesse processo. Um contraste interessante é observando ao se comparar os estágios A e B versus C e D. Nos estágios iniciais, o signo “Eu-mãe cuidadora” aparece fortemente apoiado na congruência entre as circunstâncias concretas da vida familiar (caracterizadas por intensas demandas de cuidado) e a experiência de tornar-se mãe; para os estágios C e D, tal congruência não está mais presente. Considerando-se que a maternidade é uma experiência que acontece simultaneamente na esfera intrapsicológica e no domínio relacional, ligado à organização cotidiana e à manutenção da vida familiar, é possível ver como o processo de construção de significados em torno do signo “Eu-mãe cuidadora” revela mudanças, ao longo de eixo que progride de referentes concretos para direções abstratas. Em sua base, desenvolvem-se mecanismos de self-scaffolding (auto-modulação), em que a pessoa semioticamente fornece pistas intrapsicológicas para manter presente e forte o signo orientador (no caso, “Eu-mãe cuidadora”), à medida em que as demandas familiares por cuidado diminuem e mesmo desaparecem. Ao fazê-lo, a mãe elabora uma síntese pessoal no sentido de uma inteireza da experiência, mantendo ao mesmo tempo um senso de continuidade face a contínuas e contraditórias mudanças.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras chave: Narrativas autobiográficas, transições desenvolvimentais, maternidade, self-scaffolding

Doutorado - D

DES - Psicologia do Desenvolvimento

AUTOCONSCIÊNCIA E AUTOBIOGRAFIA: CONCEITOS E DIRETRIZES METODOLÓGICAS. *Miguel Mahfoud* (Laboratório de Análise de processos em subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais)

A contribuição da psicologia ao campo interdisciplinar de análises de autobiografias pode se dar no delineamento da autoconsciência em suas relações de mútua constituição entre sujeito e mundo-da-vida. Tal contribuição permite tomar o material a ser analisado como expressão de vivências e concomitantemente como elaboração dessas vivências através da linguagem. Pode-se assim evitar limitar tal análise ao estilo literário ou à simples sobreposição sujeito- linguagem. Tomando contribuições de Luigi Giussani sobre autoconsciência, ressalta-se o movimento de voltar-se para a própria origem como condição de possibilidade de elaboração da consciência de si, em que sujeito e mundo aparecem indissociados mas não diluídos um no outro. Tal movimento do sujeito de voltar-se para sua origem permite o delinear-se de algum horizonte de totalidade de sua vida individual, dentro do qual uma autobiografia pode, então, ser concebida e problematizada. A consciência da origem como fonte de dinamismo pessoal pode ser precisa mas permanece inapreensível, solicitando contínua elaboração. Assim, consciência de si se delinea no contato com tudo que vem a acentuar a distinção entre si mesmo e tudo o que toca, a distinção ente si mesmo e tudo mais de humano que vem a encontrar, a distinção entre si mesmo e tudo o que acontece em si e consigo. Posicionamento pessoal no mundo implica em tirar consequências de tal distinção, daí derivando contribuições originais na construção do mundo e consolidação do si mesmo sempre problematizado na relação ativa com o mundo. O mundo problematizado a partir da consciência de si permite tematizar a afeição também como função de mútua constituição entre sujeito e mundo, de onde pode brotar autoconsciência não apenas como saber de certas características mas como consciência ontológica. Com tal consciência de si a problematização do mundo pode ser continuamente aberta à dimensão pessoal, superando a alienação típica da tomada do mundo como antagônica ao sujeito, permitindo a experiência de liberdade de tomar em consideração inclusive aspectos dolorosos, contraditórios e provocadores da própria experiência pessoal e colocá-los no mundo como contribuição coletiva. Tal apreensão do dinamismo da autoconsciência permite tomar como objetivo da análise a subjetividade em contínua re-elaboração, em sua relação íntima com o mundo-da-vida, identificando o característico dinamismo pessoal (evidenciado nos mais diversos acontecimentos relatados com linguagem pessoal), apreendendo o sujeito mesmo que se põe no mundo através da autobiografia.

Palavras chave: Narrativa. Autobiografia. Violência. Juventude. Periferia

Pesquisador - P

SOCIAL - Psicologia Social

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE A VIOLÊNCIA E IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA JUVENTUDE DA PERIFERIA DE SALVADOR: UM ESTUDO DE CASO. *José Eduardo Ferreira Santos* (Universidade Federal da Bahia)

A pesquisa sobre a juventude na periferia de Salvador tem revelado uma presença constante e recorrente no contexto a partir de expressões da violência, sob as mais variadas formas. Essas expressões vão daquelas mais centradas na intimidação, àquelas cuja expressão chega a se mostrar evidente. A juventude sofre cotidianamente com a ocorrência de eventos violentos, eventos estes que muitas vezes começam a fazer parte do contexto. Essa violência cotidiana vai marcando a vida dos filhos como episódios que dificilmente serão esquecidos, e a rua aparece como um espaço alternativo à família, daí advindo a frequência a espaços de risco e também com uma inserção na vida comunitária que pode sujeitar a outros tipos de referências, muitas vezes reverências que se orientam por outras inserções, não tão socialmente aceitas, como a criminalidade.. A violência deixa marcas no corpo e na memória; marcas que são difíceis de superar. O presente estudo analisa as narrativas autobiográficas de jovens sobre a violência sofrida no âmbito da periferia. Nas narrativas autobiográficas podemos identificar as repercussões da violência a partir da própria voz de jovens de ambos os sexos que experienciaram rupturas no seu percurso desenvolvimental, identificando recorrências, papéis e atribuições destes eventos a diversos fatores. Tomando por base a psicologia narrativa o estudo foi realizado com 30 jovens de ambos os sexos da periferia de Salvador, utilizando como metodologia os grupos focais e entrevistas narrativas. Os resultados apontam para uma trama complexa de fatores associados à violência e elucida questões como o racismo, contexto periférico, abuso de poder, existência do tráfico de drogas, além de percepções dos jovens sobre o desenvolvimento de trajetórias de marginalidade. Analisando os processos psicossociais pelos quais passam os jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade, este estudo apresenta mecanismos que fazem parte do processo de marginalização, a partir do estabelecimento da genealogia, das trajetórias, estigmas e o continuum de marginalização, aspectos que culminam com a antecipação da morte dos jovens. Por trás de cada homicídio há uma história de exclusão que leva os jovens à marginalização, que está relacionada ao tráfico de drogas e à posse de armas, e que nos últimos anos vem se alastrando de forma cada vez mais capilar pelas periferias de Salvador. Há uma centralidade dos processos semióticos de como ocorrem os homicídios e suas teias de significações, ultrapassando a mera descrição. No estudo algumas categorias são discutidas e analisadas, como as repercussões do homicídio entre os jovens, nas famílias e no bairro, trajetórias, genealogia e continuum de marginalização, o desterro e desterro internalizado, os estigmas, o “vingador”, o ciclo de mortes, a inversão da sociabilidade e o homicídio das jovens.

Apoio financeiro: CAPES (PNPD)

Palavras chave: Narrativa. Autobiografia. Violência. Juventude. Periferia

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento